

ALEITAMENTO MATERNO: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA EM PERIÓDICOS INDEXADOS DE 2009 A 2012

Cícero Cruz Macedo¹; Luiz Carlos de Abreu²; Gislene Farias de Oliveira³; Carmem Ulisses Peixoto⁴; Mônica Maria Siqueira Damasceno⁵

Resumo

O aleitamento materno é uma experiência que tem ajudado diversas crianças a enfrentarem contextos adversos em termos econômicos e sociais, além de representarem também, uma inusitada e gratificante experiência emocional. Tem se mostrado capaz de suprir todas as necessidades nutricionais do lactente, através da especificidade de sua composição, com efeito protetivo contra uma série de doenças e infecções. Este estudo se propôs a uma revisão sistemática da literatura sobre aleitamento materno. O estudo envolveu 30 artigos, selecionados de maneira aleatória nas bases de dados Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde - BVS, utilizando as palavras-chave: aleitamento, leite materno e prática alimentar. De uma maneira geral, os resultados demonstraram vantagens importantes em termos da amamentação exclusiva até os seis meses de idade, porém foram inconclusivos em aspectos como a associação entre aleitamento materno e desenvolvimento cognitivo e, na predição de uma possível obesidade em adolescentes que, quando crianças não foram amamentados exclusivamente ao seio até os seis meses de idade, pelo menos.

Palavras-Chave: Aleitamento, Leite materno, Prática alimentar.

BREASTFEEDING: A SYSTEMATIC REVIEW OF THE LITERATURE IN PERIODICALS INDEXED 2009 TO 2012

Abstract

Breastfeeding is an experience that has helped many children to face in adverse effects economic and socially environments, and also representing an unusual and rewarding emotional experience. It has been shown to fill all the nutritional requirements of infants, through specificity of its composition, with protective effect against a number of diseases and infections. This study aimed to a systematically review of the literature on breastfeeding. The study enrolled 30 items, selected at random from Scielo and data Virtual Health Library - VHL, using the keywords: breastfeeding, breast milk and feeding practices. In general, the results showed important advantages in terms of exclusive breastfeeding until six months of age, but were inconclusive in aspects such as the association between breastfeeding and cognitive development and in the prediction of a possible obesity in adolescents who, as children were not exclusively breastfed until six months of age, at least.

Key words: breastfeeding, breast milk, feeding practices

¹Professor Adjunto de Pediatria da Universidade Federal do Ceará – UFC;

²Professor do Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo; Professor do Departamento de Morfologia e Fisiologia da Faculdade de Medicina do ABC, Santo André, São Paulo;

³Psicóloga e Professora Adjunta da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará.

⁴Professora Da Universidade Federal do Ceará. Doutoranda em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina do ABC.

⁵Pedagoga e Professora do Instituto Federal do Ceará – IFCE. Mestranda em Saúde da Criança e do Adolescente pela UECE.

Introdução

O aleitamento materno, antes de ser um alimento, é sobretudo uma espécie de comunicação. Representa uma experiência ímpar e é um dos primeiros contatos do bebê com outro ser humano (SIMON, SOUZA e SOUZA, 2009). Tem sido muito desafiante encontrar um outro alimento ou leite industrializado, capaz de oferecer ao bebê todas as características do leite materno. O leite materno é capaz de suprir de maneira ajustada, todas as necessidades nutricionais do lactente, através da especificidade de sua composição (LAMOUNIER, VIEIRA e GOUVÊA, 2001; RIBEIRO e KUZUHARA, 2007). Ademais, não gera nenhum ônus financeiro para a família (OMS, 2001; WHO, 2001).

Autores como Abrão (2006) acreditam que a duração e a frequência do aleitamento materno tem aumentado nos últimos trinta anos, porém o desmame precoce ainda é uma realidade no mundo (VENÂNCIO, ESCUDER, KITIKO, REA e MONTEIRO, 2002; WHO, 2003).

Apesar dos esforços dos programas oficiais e não governamentais, na tentativa de alertar e informar sobre os benefícios do aleitamento, apenas 35% das crianças com menos de quatro meses de vida são aleitadas exclusivamente (SILVA, 2000). O desmame precoce em diversos estudos, encontra-se associado a altos índices de mortalidade por diarreia e desnutrição (WHO, 2003). Algumas estimativas dão conta de que a promoção do aleitamento materno exclusivo, mesmo como ação isolada, ainda assim representa uma das maiores contribuições para a diminuição da mortalidade infantil (TOMA e REA, 2008).

De acordo com Betrán, Onís, Lauer e Villar (2001), 13,9% das causas mortalidade infantil na América Latina, poderiam ser prevenidas com a adoção do hábito da amamentação exclusiva, principalmente me lactentes com idades de 0 a 3 meses, e que continuem com o aleitamento parcial no primeiro ano de vida.

No Brasil, apesar de muitas mulheres iniciarem o aleitamento exclusivo, mais da metade já não se encontra nesta condição ao final do primeiro mês (VENÂNCIO, 2003). A recomendação da WHO (2001) é que a amamentação exclusiva deve durar pelo menos seis meses.

Em resumo, a amamentação é promotora de diversos benefícios a saúde do lactente, capacitando-o a um desenvolvimento integral mais eficaz (VIEIRA GO, SILVA LR, VIEIRA TO, 2004). Este supre uma série de necessidades nutricionais da criança até o sexto mês de idade (BRASIL 2002; DEVINCENZI, MATTAR e CINTRA, 2007), sendo também eficiente em termos imunológicos (SALIBA, ZINA, MOIMAZ e SALIBA, 2008).

Outros componentes do leite materno, tais como as imunoglobulinas, os fatores anti-inflamatórios e os imunoestimuladores funcionam como agentes anti-infecciosos, favorecendo a renovação da mucosa intestinal e aumentando a resistência às infecções (LAMOUNIER, VIEIRA e GOUVÊA, 2001; RIBEIRO e KUZUHARA, 2007), dentre outras vantagens fisiológicas. Outros tipos de leite, tem se mostrado associados a um maior risco em termos de desenvolvimento de doenças infecciosas e respiratórias, principalmente (RIBEIRO e KUZUHARA, 2007; WHO, 2001; HANSON e TELEMÓ, 1999; BETRÁN, ONÍS, LAUER e VILLAR, 2001; HANSON, 1998; TERUYA e COUTINHO, 2001), como também as auto-ímmunes (HANSON, 1998).

Considerando todos os benefícios da amamentação e a proteção efetiva contra doenças de uma maneira geral, justifica-se esta revisão da literatura sobre essa importante temática, de forma a poder subsidiar futuros estudos, que possam apoiar políticas públicas mais eficazes de promoção da saúde da criança.

Dessa forma, o objetivo do presente estudo foi analisar os artigos sobre aleitamento materno, produzidos na última década, especificamente no período de 2002 a 2012. A proposta foi observar e discutir os pontos mais citados nos artigos, como forma de contribuir para futuras propostas de políticas públicas para o setor.

Metodologia

Trata-se de uma de revisão sistemática da literatura, onde utilizou-se também a técnica da análise de conteúdo para uma crítica mais clara dos resultados. A pesquisa foi realizada, através de uma busca das informações nos bancos de dados Scielo e Biblioteca Virtual em Saúde - BVS, no período citado.

Por revisão sistemática, entenda-se uma estratégia de revisão da literatura, de maneira planejada, que possa responder a questões específicas. É descrita, principalmente em duas publicações: a CDR Report (KHAN, TER RIET, GLANVILLE, SOWDEN, KLEIJNEN, 2000), e a Cochrane Handbook (CLARKE e OXMAN, 2000). Esta última recomenda que, uma revisão sistemática deva seguir os seguintes passos: a) A formulação de uma pergunta de partida como passo inicial; b) A seleção do material para estudo. Neste caso, refere-se às fontes que serão utilizadas. c) Uma análise crítica dos estudos selecionados, onde proceder-se-á uma triagem do material selecionado inicialmente. A fase de coleta de dados. d) Análise das informações. Onde o pesquisador agrupará os estudos por semelhança, de acordo com os objetivos propostos; e) Interpretação dos dados. Nesta fase será dado realce às diferenças e semelhanças encontradas nos estudos selecionados., clarificando benefícios e/ou aplicabilidade, riscos, dentre outros aspectos que façam parte dos objetivos; f) Atualização da revisão. Neste caso, pode-se fazer possíveis críticas e/ou sugestões para melhorar os estudos subsequentes para atualização da temática ora estudada.

Segundo os autores Cook, Mulrow e Haynes (1997), uma revisão sistemática precisa ser específica, criteriosa e reproduzível, bem como baseada em resultados de pesquisas clínicas.

Para localização dos artigos sobre o aleitamento materno, houve uma seleção inicial através dos títulos e resumos dos artigos que contiveram as palavras-chave: aleitamento, leite materno ou prática alimentar. A escolha desses bancos de dados eletrônicos se deu, por se tratar dos mais populares e conhecidos do Brasil.

O Banco de dados Scielo - Scientific Electronic Library Online, é uma biblioteca virtual desenvolvida pela FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo. Tem como parceira o BIREME - Centro Latino-americano e do caribe de Informação em Ciências da Saúde. Sua tarefa é abrigar periódicos científicos brasileiros avaliados de alta qualidade. Possuem uma metodologia comum de armazenamento da produção científica, em formato eletrônico. São duas importantes bases de dados que configuram-se como um rico instrumento de análise, permitindo vislumbrar recortes do impacto do aleitamento materno, nesta época, além de uma compreensão dos sub-temas mais discutidos.

Os artigos foram selecionados ao acaso, à medida que os mesmos apareciam na busca eletrônica por palavras-chave.

Quanto à análise dos resultados, esta foi realizada tanto pela análise da qualidade das informações de acordo com os objetivos, como também através do método de Análise de Conteúdo Temática proposta por Bardin (2002), que tem como objetivo a busca de um sentido nas comunicações e de suas possibilidades em termos de significação, tanto explícitas quanto ocultas.

Inicialmente, se procedeu a constituição de um corpus, formado pelos artigos selecionados. Em seguida foi feita uma leitura flutuante para, posteriormente, proceder-se leituras mais intensivas, as quais permitiram uma melhor compreensão dos dados e sua codificação em categorias.

Segundo Vala (1986), a análise de conteúdos se constitui numa das técnicas mais comuns em pesquisas empíricas, principalmente em ciências humanas e sociais, permitindo inferências sobre a organização do sistema de pensamento através dos discursos. Já Bardin (2001), nos orienta que, a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas para analisar sistematicamente as comunicações, visando obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos destas mensagens.

Neste estudo, optou-se por selecionar títulos e/ou frases nos artigos, que preencheram os critérios de inclusão, de acordo com as palavras-chave. Também foram consideradas as citações utilizadas nos textos, por denotarem uma escolha dos autores, como forma de fundamentação do seu discurso.

Foram selecionados 30 artigos, que encontram-se listados na tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Artigos selecionados.

Artigos	Categorias
1 – ALBUQUERQUE, ET AL, 2010	4
2 – NOBRE, ET AL, 2010	2
3 - SANTANA, ET AL, 2010	2
4 - CRABTREE , 2010	4
<i>Continua...</i>	

5 - FURTADO, ET AL, 2010	5
6 – VASCONCELOS, ET AL, 2010	3
7 - SILVA e MOURA, 2010	2
8 – ALMEIDA, ET AL, 2010	3
9 – FARIA, MAGALHÃES e ZERNETTO, 2010	5
10 – KISHI, CACCIA-BAVA e MARTINEZ, 2009	4
11 - MOIMAZ, ET AL, 2011	4
12 – QUELUZ, ET AL, 2012	3
13 – DUAZO, AVILA, e KUZAWA, 2010	4
14 - SASSÁ, et al, 2010	2
15 - SEACH KA, et al, 2010	4
16 – CHIVERS, et al, 2010	2
17 - ODDY, et al, 2010	2
18 – WALKER, 2010	2
19 – GAROFALO, 2010	1
20 - DIXON, 2010	2
21 – PERONI, et al, 2010	2
22 – METZGER e MCDADE, 2010	2
23 – FUNKQUIST, et al, 2010	2
24 – VERD, et al, 2010	3
25 – ARSLANOGLU, ZIEGLER e MORO, 2010	5
26 - TWELLS e NEWHOOK, 2010	2
27 – FUNKQUIST, et al, 2010	2
28 – HOLME, MACARTHUR e LANCASHIRE, 2010	2
29 – RENFREW, et al, 2010	5
30 – SMITHERS e MCINTYRE, 2010	2

Resultados e discussão

Dos artigos selecionados, um artigo foi do ano de 2009, vinte e sete (27) artigos do ano de 2010, um artigo do ano de 2011 e um artigo de 2012, portanto estudos relativamente recentes. Os assuntos discutidos possibilitaram seu agrupamento em 5 categorias, a saber: 1- aspectos genéticos (1 artigo – 3,4%), 2- aspectos fisiológicos (15 artigos – 50,0%); 3 – aspectos humanos e sociais (4 artigos – 13,3%); 4 – aspectos relacionados a alimentação infantil e substitutos do leite materno (6 artigos – 20,0%) e, 5 – aspectos relacionados às políticas públicas para a criança (4 artigos – 13,3%). As categorias foram inspiradas no relatório para a saúde no mundo, intitulado: Saúde Mental: nova concepção, nova esperança, lançado pela Organização Mundial de Saúde - OMS e Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS (OMS, 2001), quando o mesmo se refere aos aspectos fundamentais para a criança crescer e se desenvolver de forma plena. A seguir uma descrição das categorias.

Categoria 1 – Aspectos Genéticos:

Nesta categoria foram enquadrados os artigos que trataram sobre aleitamento materno, levando-se em conta as características genéticas, isso é, aspectos preexistentes no ser humano, que puderam ser associados à questão da amamentação.

Apenas um artigo, dos trinta que fizeram parte deste estudo, foi enquadrado nesta categoria (Tabela 1). Este discute a questão das citocinas presentes no leite Humano. Segundo Garofalo (2010), as citocinas são receptores celulares específicos que operam em redes, de forma a possibilitar o desenvolvimento das funções do sistema de imunização. O autor ainda nos orienta que, as citocinas, bem como as quimiocinas foram descobertas no leite humano, apenas nos últimos anos. O artigo explicita a função protetora dessas substâncias presentes no leite materno, principalmente o efeito anti-inflamatório, bem como o seu papel em termos de compensação de atrasos no desenvolvimento do sistema imunológico dos recém-nascidos.

Uma vez que os artigos foram selecionados ao acaso, observou-se que, as questões da amamentação associada às questões genéticas, parece ainda pouco discutidas na literatura médica, de uma maneira geral.

Categoria 2 – Aspectos Fisiológicos:

Nesta categoria específica, foram enquadrados 15 artigos, dos 30 selecionados para fazerem parte deste estudo. Isso representou 50,0% dos artigos selecionados ao acaso.

Entender-se-á por aspectos fisiológicos, os assuntos relacionados à fisiologia humana, como crescimento, desenvolvimento físico, cognitivo e fisiológico.

Nestes casos, foram observadas duas subcategorias: Desenvolvimento geral e Desenvolvimento cognitivo.

Em termos da subcategoria Desenvolvimento cognitivo, dois artigos foram classificados: “Aleitamento materno e desenvolvimento neuropsicomotor: uma revisão da literatura”; e, “Os efeitos do aleitamento materno sobre o desenvolvimento cognitivo e neurológico da criança com 9 anos”.

No primeiro caso, os autores abordam que os nutrientes do leite materno são capazes de beneficiar o desenvolvimento neurológico, dentre eles o ácido graxo de cadeia longa, que se mostrou capaz de maturar as funções corticais do cérebro. Relatam também que ainda é incerta, uma associação de evidências consistentes, entre aleitamento materno e desenvolvimento cognitivo. Isso porque há muitas variáveis sociais, de interação física e dos próprios constituintes do leite ainda não estudadas. Porém, de uma maneira geral, os estudos consultados pelos autores, sugerem que o leite materno favorece um bom desenvolvimento neurológico e desenvolvimento motor, porém são inconclusivos sobre o desenvolvimento cognitivo. Os autores ainda reforçaram que o aleitamento materno exclusivo continuado, favorece o completo desenvolvimento infantil e a manutenção do vínculo afetivo entre mãe e filho (NOBRE et. al., 2010).

No segundo artigo selecionado nesta subcategoria, igualmente nos evidencia a controvérsia existente sobre uma correlação entre aleitamento materno e desenvolvimento cognitivo. Este estudo teve o objetivo de verificar uma possível associação entre essas duas variáveis. O estudo não foi conclusivo quanto a uma possível associação entre aleitamento materno e maior quociente intelectual em crianças aos nove anos de idade (HOLME, MACARTHUR e LANCASHIRE, 2010).

Com relação à segunda subcategoria - Desenvolvimento geral, foram selecionados treze artigos que tratavam de saúde infantil, de uma maneira geral. Desses, um grupo A de seis artigos estavam relacionados diretamente com o crescimento desenvolvimento e massa corporal do bebê; um grupo B com quatro artigos, relatavam sobre ações imunizadoras do leite materno e um grupo C com três artigos discutiram outros aspectos gerais relacionados à saúde do bebê.

Observando-se o primeiro grupo (A) de artigos, sobre o crescimento desenvolvimento e massa corporal do bebê, estes discutiram desde a evolução antropométrica das crianças de muito baixo peso ao nascer; determinação de associação entre práticas alimentares e excesso de peso/obesidade; prevenção da obesidade e, tamanho e peso ao nascer e, crescimento subsequente associado ao tempo de amamentação exclusiva. Nestes casos, os resultados foram os seguintes:

Sobre a prática alimentar e o crescimento do bebê nascido com muito baixo peso ao longo do primeiro ano de vida, observou-se que Logo após a alta hospitalar, cinco bebês recebiam leite materno associado à algum tipo de fórmula infantil e, por ocasião da segunda visita domiciliar, haviam dois destes que estavam em aleitamento materno exclusivo. Todas as crianças do estudo, em algum momento, apresentaram percentil de crescimento inferior ao esperado. Além disso, dois bebês necessitaram de reinternação por duas vezes. Estes fatos implicam a necessidade de acompanhar crianças nesta

situação, após a alta hospitalar, para que se possa ter um diagnóstico precoce de possíveis alterações no seu crescimento e desenvolvimento (SASSÁ et al., 2010).

Examinando-se a influência e duração da alimentação infantil até os 14 anos de idade, observou-se que a alimentação infantil precoce acarretou maior índice de massa corporal (IMC). O estudo foi realizado com uma amostra de 1.330 indivíduos. Os resultados reforçaram que a influência do aleitamento materno exclusivo por mais de 4 meses pode funcionar como um protetor da obesidade na adolescência (CHIVERS et al., 2010).

Outro artigo também enfocou a hipótese do aleitamento materno como um fator de proteção em relação à obesidade infantil. Neste sentido, não foi demonstrado nesta amostra (488 pares de irmãos), um padrão de associação capaz de fazer essa predição. As evidências indicaram mais, uma relação causal do que um padrão formal de associação, contrariando a pesquisa anterior (METZER e McDADE, 2010).

Nos dois casos a amostra foi bastante significativa, portanto, quanto a esta questão, a literatura ainda não chegou a resultados conclusivos para predizer que, o aleitamento materno exclusivo até o sexto mês, é capaz de prevenir a obesidade em adolescentes.

Um outro estudo observou o crescimento e amamentação em crianças cujas mães iniciaram a amamentação ainda no hospital. Os resultados demonstraram que os lactentes prematuros com desvio padrão maior para peso, comprimento e HC no nascimento, estão em maior risco de crescimento inadequado durante a sua permanência no hospital (FUNKQUIST et al., 2010).

Os mesmos autores estudaram também a influência do teste de pesagem antes/depois, sobre o aleitamento materno em prematuros. Neste caso o consumo de leite foi avaliado quer pelo ensaio de pesagem, antes e depois da amamentação ou pela observação do comportamento de sucção do lactente (isto é, índices clínicos). Sessenta e quatro (64) crianças fizeram parte da amostra das que foram avaliadas pelo peso e, foram comparadas com outras 59 crianças avaliadas por "índices clínicos." Os resultados demonstraram que, para se estabelecer o aleitamento materno em prematuros, ambos os regimes de pesagem são aplicáveis e, que o teste de pesagem pode ajudar bebês a atingir o aleitamento materno exclusivo (FUNKQUIST et al., 2010).

Um grupo B com quatro artigos, relataram sobre ações imunizadoras do leite materno. Dentre esses o artigo de Walker (2010) que discute a assertiva de que o aleitamento materno seria o padrão ouro em termo de alimentação infantil, para nutrientes protetores. O artigo observa que a composição do leite muda à medida que as necessidades do bebê, com o desenvolvimento, também vão mudando. Também que o leite materno contém uma função anti-inflamatória importante, além de fornecer proteção da mucosa intestinal.

Outro artigo associou o aleitamento materno durante os 12 primeiros meses de vida a benefícios imunológicos contra agentes infecciosos, inclusive a bronquiolite aguda (DIXON, et al., 2010).

Segue-se um artigo sobre as citocinas reguladoras presentes no leite de mulheres lactantes em ambientes urbanos e agrícolas (PERONI, et al., 2010), cujo objetivo foi quantificar e comparar os níveis de fator de crescimento transformador-beta1 (TGF-beta1) e interleucina-10 (IL-10) no colostro e leite maduro de mães que vivem em cidades ao nível do mar (referências) e os das mães que vivem em fazendas. Os autores comentam que crianças que vivem em fazendas são menos sujeitas a alergias. Os resultados demonstraram que, maiores concentrações de citocinas no leite materno têm propensão de influenciar uma modulação precoce do desenvolvimento de uma resposta imune. Esta por sua vez, conduz a uma diminuição da prevalência de doenças que estejam relacionadas com alergias em crianças agrícolas.

Outro artigo demonstrou o efeito da amamentação sobre o desempenho cognitivo em crianças britânicas (FOROUSHANI, et al., 2010). Este estudo teve como objetivo, investigar o efeito da nutrição sobre o desempenho, através de marcos do desenvolvimento e de testes cognitivos com 5.362 crianças. Os resultados demonstraram que, crianças que foram amamentadas apresentaram um melhor desempenho em termos de marcos de desenvolvimento. A análise dos resultados permitiu inferir também que, a amamentação pode ter uma influência positiva na vida adulta. A maioria dos testes cognitivos, de leitura, memória e testes visuais se mostraram significativos para as mulheres, mas não para os homens.

Um grupo C com três artigos discutiu outros aspectos gerais, relacionados à saúde do bebê. Os artigos enfatizaram em seus resultados que, fatores socioeconômicos e demográficos constituem fatores de risco ou de proteção em termos de morbimortalidade infantil (SILVA e MOURA, 2010), bem como a necessidade de investimento em processos de trabalho que viabilizem uma maior comunicação entre a

equipe envolvida, para que se possa oferecer uma assistência de qualidade tanto a mãe quanto ao bebê, com relação ao aleitamento materno (SANTANA et. al., 2010).

Outros resultados apontaram para o fato de que há exposição a um maior risco de adoecer, aquelas crianças que não são amamentadas exclusivamente até o sexto mês de vida (SANTANA et. al., 2010). E que, uma menor duração do aleitamento materno pode vir a ser um maior preditor de resultados adversos ao longo do desenvolvimento infantil e no início da adolescência (ODDY et. al., 2010)

Categoria 3 – Aspectos Humanos e sociais:

Nesta categoria foram enquadrados os artigos que se propuseram a discutir aspectos humanos, psicológicos, afetivos e sociais, relacionados à amamentação. Comunicação Mãe-Filho Durante Amamentação Natural e Artificial na era Aids; Impacto do método canguru nas taxas de aleitamento materno exclusivo em recém-nascidos de baixo peso; Prevalência e determinantes do aleitamento materno exclusivo no município de Serrana, São Paulo; Preferência sal de mães que amamentam é associado com o início interrupção do aleitamento materno exclusivo.

O primeiro artigo nos informa que, é a qualidade das interações ao longo do tempo e a responsividade assumida pela mãe para com seu filho, que irão determinar as repercussões do não aleitamento natural, em relação ao desenvolvimento do apego entre a mãe e o bebê. Uma outra conclusão foi que as crianças de mães soropositivas ao HIV tentam compensar a falta de sucção (já que o leite é oferecido na colher), com outras formas de comunicação como o olhar atento, o choro e o gemido. Esses comportamentos foram observados como mais frequentes no grupo de mães com HIV positivo.

O segundo artigo, trata sobre o impacto do método canguru sobre o aleitamento materno exclusivo, em recém nascidos de baixo peso. O estudo demonstrou que a amamentação exclusiva foi superior no grupo de mães que utilizou o método canguru, nos levando a crer que este método parece ser facilitador da amamentação exclusiva até o sexto mês de vida dessas crianças. Os autores alertam para o grande potencial que a amamentação exclusiva exerce sobre a diminuição da morbidade e mortalidade das crianças neste grupo gestacional, sugerindo a adoção do método canguru em mais unidades de saúde.

O terceiro artigo sobre a prevalência e os determinantes do Aleitamento materno no município de Serrana em São Paulo, revelou que o fato da mãe trabalhar fora do lar e o uso da chupeta foram elementos incentivadores da interrupção do aleitamento materno exclusivo.

E destaca estudos que corroboram estes achados,

Estudo realizado na Paraíba (VIANNA, et. al., 2007) também evidenciou que a amamentação exclusiva é mais prevalente entre as mães que usufruem a licença-maternidade.

Investigações de natureza qualitativa (FUJIMORI, et. al., 2010; RESENDE et. al., 2002) têm destacado que, além da ausência da licença-maternidade, a sobrecarga do trabalho doméstico e o cuidado com outros filhos podem se constituir em outros condicionantes para o desmame precoce. Ressaltam, ainda, a importância do suporte social e o cumprimento das políticas de proteção a esta prática, tendo em vista que, no Brasil, grande parte das mulheres que possuem trabalho remunerado não recebe tal benefício, em razão do descumprimento da lei pelos empregadores ou por possuir contratos informais de trabalho (FUJIMORI, et. al., 2010).

Ao final conclui que o abandono da amamentação exclusiva, é algo que pode ser minimizado através da conscientização por parte das empresas e instituições públicas, sobre a importância da licença-maternidade de 180 dias, onde garante-se o direito à criança, da amamentação exclusiva por 6 meses. Essa medida ajuda a reduzir as ausências das mulheres ao trabalho, justificadas por problemas de saúde dos seus filhos.

O Quarto artigo, relata sobre a preferência de sal em mães que amamentam, e associa essa preferência com o início interrupção do aleitamento materno exclusivo. Foi observado na prática que, as mães com baixo teor de sal preferência persistiu na amamentação exclusiva além dos sete dias pós-natal, em comparação às mães com preferência elevada de sal. Além disso, as mães com elevada preferência por sal,

tiveram a duração mais curta em aleitamento materno exclusivo até o vigésimo quinto (25º) dia pós-natal. Nestes casos, uma maior preferência por uma dieta rica em sódio parece desestimular o aleitamento materno exclusivo por parte das mães.

O estudo sugere uma maior conscientização da população de trabalhadoras pela equipe de enfermagem, sobre o assunto.

Em resumo, foi observada uma diversidade de fatores intervenientes na manutenção do aleitamento materno, porém em todos os casos, acredita-se que a intervenção em educação e saúde sobre a temática do aleitamento materno, poderia ser um elemento facilitador de uma maior adesão ao aleitamento materno pelas mães.

Categoria 4 – Alimentação Infantil:

Nesta categoria foram enquadrados os artigos que discutiram alimentação infantil, realçando a amamentação como extremamente vantajosa em relação aos substitutos do leite e outros tipos de alimentação infantil nos primeiros meses de vida.

Seis artigos fizeram parte desta categoria: a) A influência do padrão de aleitamento no desenvolvimento de hábitos de sucção não nutritivos na primeira infância; b) Alimentación Complementaria; c) Prevalência do Aleitamento Materno Exclusivo e Fatores Associados Entre as Crianças Menores de 6 Meses Cadastradas em Unidades de Saúde da Família; d) Relação entre aleitamento materno e hábitos de sucção não nutritivos; e) Breastfeeding and Later Psychosocial Development in the Philippines; e) Introdução tardia da alimentação sólida reduz sobrepeso e obesidade infantil em 10 anos.

Observou-se no primeiro artigo, que houve um certo padrão em termos de hábitos de amamentação exclusiva nos primeiros seis meses de idade, associados a uma alimentação mais nutritiva no decorrer da vida. Isso é, quanto maior a duração do aleitamento materno exclusivo, menor foi a prevalência de hábitos de sucção não nutritivos. Observe-se o que comenta os autores,

Entre as crianças com aleitamento natural exclusivo, a maioria (82,8%) não possuía nenhum tipo de hábito de sucção não nutritivo. Constata-se ainda que as crianças que prolongaram o aleitamento natural total além dos seis meses tiveram, progressivamente até os 36 meses, menos hábitos de sucção não nutritivos (ALBUQUERQUE, et. al, 2010. p. 374)

Portanto, mais uma vez, assevera-se a recomendação da Organização Mundial de saúde (OMS, 1989), quanto a manutenção do aleitamento materno exclusivo durante pelo menos seis meses de vida.

Nesta mesma direção reflexiva segue outro artigo de MOIMAZ, ROCHA, GARBINE SALIBA,(2011), quando estudou também em uma outra amostra de crianças, o tempo de aleitamento materno exclusivo e sua possível associação com os hábitos de sucção não nutritivos. Neste sentido, observaram os autores que, apenas 33,4% amamentaram exclusivamente após seis meses de vida das crianças. 53,3% relataram hábitos de sucção não nutritivos dos filhos e destes, 70,45% não foram amamentados exclusivamente no peito, durante os seis meses de vida. Neste caso, os autores relataram uma associação significativa entre as duas situações, reforçando a tese da Organização Mundial de saúde acima descrita.

Um outro artigo retratou sobre a prevalência de aleitamento materno exclusivo em uma clientela do Núcleo de Saúde da Família de Ribeirão Preto. Os resultados demonstraram uma associação positiva entre o aleitamento materno exclusivo e o não uso de chupetas e, a realização de puericultura em unidade de saúde da família, dentre outros achados. O que os levou a concluir que, apesar das políticas de saúde em favor do aleitamento materno exclusivo, ainda há muito trabalho de conscientização por ser feito, para que se chegue ao ideal, em termos das recomendações da Organização Mundial de saúde.

Houveram dois artigos relacionando a amamentação materna exclusiva a uma maior possibilidade de desenvolvimento de doenças associadas como alergia alimentar e resposta inflamatória. Informaram os artigos que, o leite materno apresenta características anti-inflamatórias e protetoras da mucosa intestinal.

Um outro artigo, também relacionado nesta categoria, relatou sobre uma associação positiva entre o aleitamento materno exclusivo e uma posterior maior capacidade de ajustamento psicossocial das crianças. Foi um estudo desenvolvido nas Filipinas, com uma considerável amostra de crianças, de muito baixo nível socioeconômico (2.752). Os autores observaram, dentre outras coisas que,

Na amostra, as mães que amamentaram seus filhos por mais tempo tendem a ter menor nível educacional e de vir de famílias de baixa renda. Apesar disso, a amamentação duração foi um preditor positivo de desenvolvimento psicossocial futuro (DP) medida no final de infância, mas só após o ajuste para fatores de confusão SES e afins. (DUAZO, et. al. 2010, P. 5)

Em resumo, os artigos relacionados nesta categoria, somam evidências de que o aleitamento materno tem possibilidade de fornecer duradouros benefícios alimentares, econômicos e sociais, além de reforçarem a importância de continuar com os esforços na promoção da amamentação exclusiva em todo o mundo, evitando-se os hábitos de sucção não nutritivos.

Categoria 5 – Aspectos relacionados às políticas públicas:

Finalmente, nesta categoria foram enquadrados os artigos que discutiram, direta ou indiretamente políticas públicas para beneficiar as crianças, incentivos ao aleitamento materno, apoio às gestantes através da educação e, promoção da saúde infantil.

Quatro artigos se enquadraram nesta categoria, dentre os quais, “Implementação do Alojamento Conjunto: dificuldades enfrentadas na percepção de uma equipe de enfermagem”; “Avaliação da atenção ao recém-nascido na articulação entre maternidade e rede básica de saúde”; “Leite doador humano na alimentação de lactentes pré-termo: evidências e recomendações”; e, “Promoção do aleitamento materno para bebês em unidades neonatais: uma revisão sistemática”.

Os resultados demonstraram o seguinte: com relação a Implementação do Alojamento conjunto como medida incentivadora do aleitamento materno (FARIA, MAGALHÃES e ZERNETTO, 2010), há que se considerar outras variáveis como o apoio dos pares e sua presença no hospital, treinamento do pessoal envolvido, saúde materna e gastos com a criança clinicamente menos estáveis. Também que alimentação infantil em unidades neonatais, carecem de serem incluídas na vigilância da saúde pública, bem como no desenvolvimento de políticas públicas ao setor .

Com relação a avaliação da atenção ao recém-nascido na articulação entre maternidade e rede básica de saúde, este foi um estudo desenvolvido em três maternidades de Ribeirão Preto – SP, com o intuito de avaliar a prática em termos assistenciais da equipe de enfermagem, em um Programa de atenção à saúde do recém-nascido (FURTADO, et. al., 2010). Os resultados demonstraram que o acolhimento é o elemento norteador das atividades. Também que a equipe mostrou-se capacitada para lidar com as atividades propostas pelo programa, especialmente com as puérperas. Que outros programas de articulação entre serviços de saúde e hospitais devem ser encorajados, principalmente os promotores da atenção integral à população materno-infantil, facilitando o acesso aos serviços de saúde e a continuidade da assistência.

Os outros dois artigos enquadrados nesta categoria enfocaram o Leite doador humano na alimentação de lactentes pré-termo (ARSLANOGLU, ZIEGLER e MORO, 2010) e, a Promoção do aleitamento materno para bebês em unidades neonatais (RENFREW, et. al., 2010). O primeiro discutiu principalmente os benefícios clínicos do doador de leite humano em prematuros, além das preocupações comuns que envolvem essa atividade, tais como a distribuição dos mesmos para a população geral. Os resultados evidenciaram que, as preocupações mais comuns são quanto a perda de importantes componentes biológicos do leite humano do doador, devido o armazenamento, porém não deve ser motivo para recusa do leite doado. E, que o leite doado bancado, deve ser promovido, através de um padrão de cuidados associados, principalmente, para o caso de bebês prematuros.

No caso do segundo artigo, este foi uma revisão da literatura sobre a Promoção do aleitamento materno para bebês em unidades neonatais. Neste caso, os autores, à partir de 21 estudos sobre a temática,

dicutiram intervenções como método canguru, contato pele-a-pele, ordenha simultânea, apoio de colegas no hospital e comunidade, treinamento da equipe, credenciamento a UNICEF, entre outras. As conclusões revelaram que os efeitos da saúde pública na organização dos serviços neonatais ainda encontram-se obscuros e devem ser incluídos na vigilância da saúde pública e desenvolvimento de políticas para o setor. E ainda que, propostas mais relevantes e efetivas sejam implementadas no sentido de garantir um aleitamento materno exclusivo mais expressivo, em nosso país (RENFREW, et. al., 2010).

Conclusão

De uma maneira geral, os artigos demonstraram vantagens diferenciadas em termos da amamentação exclusiva até os seis meses de idade, em relação a uma alimentação diferente desta.

Alguns estudos não se mostraram conclusivos estatisticamente, para a amostra estudada, tais como a associação entre aleitamento materno exclusivo e desenvolvimento cognitivo e, não foi igualmente conclusivo um determinado estudo quanto a prever sobre uma possível obesidade infantil em crianças que não foram amamentados exclusivamente ao seio até os seis meses de idade, pelo menos. Quando se trata de obesidade em adolescentes, porém, o aleitamento materno parece ter influência em termos de uma maior proteção.

Já em outras dimensões, o aleitamento materno demonstrou inúmeras vantagens em relação a outros tipos de alimentação, em todas as categorias aqui estudadas.

Portanto, uma reafirmação das proposições da Organização Mundial de Saúde para a saúde infantil, que preceitua ser o melhor alimento para as crianças de zero a seis meses de idade, o aleitamento materno exclusivo.

Referências

ABRÃO ACFV. Amamentação: uma prática que precisa ser aprendida. **Pediatria**. São Paulo. v.28. p. 79-80, 2006.

ALBUQUERQUE, Sabrina S. L.; DUARTE, Ricardo C.; CAVALCANTI, Alessandro L. E BELTRÃO, Érika de M. A influência do padrão de aleitamento no desenvolvimento de hábitos de sucção não nutritivos na primeira infância. **Ciência & Saúde coletiva**, v.15, n.2. p.371-378, 2010.

ALMEIDA, H.; VENÂNCIO, Sonia I.; SANCHES, Maria T. C.; ONUKI, Daisuke. Impacto do método canguru nas taxas de aleitamento materno exclusivo em recém-nascidos de baixo peso. **Jornal de Pediatria**. vol. 86, n. 3, 2010.

ARSLANOGLU S; ZIEGLER EE; MORO GE. Leite doador humano na alimentação de lactentes pré-termo: evidências e recomendações. **J Perinat Med**, v.38, n.4. p.347-51, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002

BETRÁN AP, ONÍS M, LAUER JÁ, VILLAR, J. Ecological study of effect of breast feeding on infant mortality in Latin America. **BMJ**, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde: documento para discussão**. Brasília, DF, 2002. 41 p

CHIVERS P; HANDS B; PARKER H; BULSARA M; BEILIN LJ; KENDALL GE; ODDY WH. Índice de massa corporal, adiposidade rebote e alimentação precoce em uma coorte longitudinal (Estudo Raine). *Int J Obes (Lond)*, v.34. n.7. p. 1169-76, 2010.

CLARKE M, OXMAN AD, editors. Handbook 'Cochrane Revisores 4.1 [atualizado junho 2000]. In: **Review Manager** (RevMan) [programa de computador]. Versão 4.1. Oxford, Inglaterra: The Cocharane Colaboration, 2000.

COOK, D.J.; MULROW, C.D. e HAYNES, R.B. Systematic reviews: synthesis of best evidence for clinical decisions. *Annals of Internal Medicine*, v.126, n.5, pp.376-380, 1997.

CRABTREE , Úrsula . Alimentación Complementaria. **Revista Gastrohnutp**. v.12. n.1. Suplemento 1: S38-S42, 2010.

DEVINCENZI UM, MATTAR MJG, CINTRA EM. **Nutrição no primeiro ano de vida**. In: Silva SMCS, Mura JD´AP. Tratado de alimentação, nutrição e dietoterapia. São Paulo: Roca, 2007. p. 319-45.

DIXON DL; GRIGGS KM; FORSYTH KD; BERSTEN AD . Inferior a interleucina-8 níveis em vias aéreas aspira de crianças amamentadas com bronquiolite aguda. **Pediatr Allergy Immunol**, v.21, n4, p.691-696, 2010.

DUAZO, Paulita; AVILA, Josephine e KUZAWA, Christopher W. Breastfeeding and Later Psychosocial Development in the Philippines. **Am J Hum Biol**. v. 22. n.6. p.725–730, 2010.

FARIA, A. C.; MAGALHÃES, L.; ZERNETTO, S. R. Implementação do Alojamento Conjunto: dificuldades enfrentadas na percepção de uma equipe de enfermagem. **Rev. Eletr. Enf**. v.12. n4. P.669-77, 2010.

FUJIMORI E, NAKAMURA E, GOMES MM, JESUS LA, REZENDE MA. **Aspectos relacionados ao estabelecimento e à manutenção do aleitamento materno exclusivo na perspectiva de mulheres atendidas em uma unidade de saúde**. Interface Comum Saúde Educ. v.14. n.33. p.315-27, 2010.

FUNKQUIST EL; TUVEMO T; JONSSON B; SERENIUS F; NYQVIST KH. Pré-termo adequados para a idade gestacional: tamanho ao nascer explica o crescimento subsequente. **Acta Paediatr**, v.99, n.12, p. 1828-33, 2010.

FURTADO, Maria C. de C.; MELO, Débora F.; PARADA, Cristina M. G. L.; PINTO, Ione C.; REIS, Márcia C. G. e, SCOCHI, Carmen G. S. Avaliação da atenção ao recém-nascido na articulação entre maternidade e rede básica de saúde. **Rev. Eletr. Enf**. v.12, n.4, p.640-6, 2010.

FOROUSHANI PS, SCHNEIDER J, ASSAREH N. Meta-análise da eficácia da CBT computadorizado no tratamento da depressão. **BMC Psychiatry**. 2011, p. 11:131.

GAROFALO, R . Citocinas no Leite Humano. **J Pediatr**, v.156, 2 Suppl, p.S36-40, 2010.

HANSON LA, TELEMO E. **Immunobiology and epidemiology of breastfeeding in relation to prevention of infections from a global perspective**. In: Ogra PL, Mestecky J, Lamm ME, Strober W, Bienenstock J, McGhee J. Mucosal Immunology. San Diego: Academic Press, 1999. p. 1501-10.

HANSON LA. Breastfeeding provides passive and likely long-lasting active immunity. **Ann Allergy Asthma Immunol.** v. 81, p. 523-37, 1998.

LAMOUNIER JA, VIEIRA GO, GOUVÊA LC. **Composição do Leite Humano** - Fatores Nutricionais. In: Rego JD. Aleitamento Materno. Rio de Janeiro: Atheneu, 2001. p. 47-58.

METZGER MW; MCDADE TW. Amamentação como prevenção da obesidade nos Estados Unidos: um modelo de diferença irmão. **Am J Hum Biol**, v.22, n.3, p. 291-6, 2010.

MOIMAZ, S. A. S.; ROCHA, N. B.; GARBIN, José I.; SALIBA, Orlando. Relação entre aleitamento materno e hábitos de sucção não nutritivos. **Ciênc. saúde coletiva** vol.16, n.5 Rio de Janeiro May 2011.

KISHI, R.G.B.; CACCIA-BAVA, Maria do C.G.G.; MARTINEZ, Edson Z. Prevalência do Aleitamento Materno Exclusivo e Fatores Associados Entre as Crianças Menores de 6 Meses Cadastradas em Unidades de Saúde da Família. **Rev. APS**, v. 12, n. 1, p. 54-61, jan./mar. 2009.

NOBRE, Érica B.; ISSLER, Hugo; RAMOS, José L. A. GRISIL, Sandra J. F. E. Aleitamento materno e desenvolvimento neuropsicomotor: uma revisão da literatura. **Pediatria**: São Paulo. v 32, n.3. p. 204-10, 2010.

REZENDE MA, SIGAUD CHS, VERÍSSIMO MDR, CHIESA AM, BERTOLOZZI MR. O processo de comunicação na promoção do aleitamento materno. **Rev Latino Am Enferm.** v10, n2. p.234-8., 2002.

RIBEIRO LC, KUZUHARA JSW. **Lactação**. In: Silva SMCS, Mura JD'AP. Tratado de alimentação, nutrição e dietoterapia. São Paulo: Roca, 2007. p. 293-318.

SASSÁ, Anelize Helena; SCHMIDT, Kayna Trombini; TESTON, Elen Ferraz; MARCON, Sonia Silva. A prática alimentar e o crescimento do bebê nascido com muito baixo peso ao longo do primeiro ano de vida: estudo descritivo. **Online braz. j. nurs.** v9, n.2. 2010.

SEACH KA; DHARMAGE SC; LOWE AJ; DIXON JB. Introdução tardia da alimentação sólida reduz sobrepeso e obesidade infantil em 10 anos. **Int J Obes (Lond)**, v.34, n.10. p.1475-9, 2010.

SILVA IA. Enfermagem e aleitamento materno: combinando práticas seculares. **Rev Esc Enf USP.** v. 34. p. 362-9, 2000.

SIMON VGN, SOUZA JMP, SOUZA SB. Aleitamento materno, alimentação complementar, sobrepeso e obesidade em pré-escolares. **Rev Saúde Pública.** v.43, p. 60-9, 2009.

SANTANA, Maria da C. C. P.; GOULART, Bárbara N. G.; CHIARI, Brasília M.; MELO, Adriana de M. e SILVA, Érika H. A. A. Aleitamento materno em prematuros: atuação fonoaudiológica baseada nos pressupostos da educação para promoção da saúde. **Ciência & Saúde coletiva**, v.15, n.2. p.411-417, 2010

TWELLS L; NEWHOOK LA. Aleitamento materno exclusivo pode reduzir a probabilidade de obesidade infantil em algumas regiões do Canadá?. **Can J Public Health**, v.101, n.1. p. 36-9, 2010.

FUNKQUIST EL; TUVEMO T; JONSSON B; SERENIUS F; NYQVIST KH . Influência do teste de pesagem antes / depois de enfermagem sobre aleitamento materno em prematuros. **Adv Neonatal Care**, v.10, n.1. p.33-9, 2010.

HOLME A; MACARTHUR C; LANCASHIRE R . Os efeitos do aleitamento materno sobre o desenvolvimento cognitivo e neurológico da criança com 9 anos. **Child Care Health Dev.** V.36, n.4, p. 583-90, 2010.

KHAN KS, TER RIET G, GLANVILLE J, SOWDEN AJ, KLEIJNEN J, editores para o Centro NHS para Revisões e Difusão (CRD). Realização de Revisões Sistemáticas de Pesquisa sobre Eficácia. **Orientação da CRD para realizando ou mandando realizar comentários**. 2nd Edition. CRD Report No. 4. York: Centro NHS para Revisões e Divulgação da universidade de York, 2000.

KISHI, R. G. B; CACCIA-BAVA, M. C. G; MARTINEZ, E. Z. Prevalência do aleitamento materno exclusivo e fatores associados entre as crianças menores de 6 meses cadastradas em unidades de saúde da família. **Rev. APS**. v. 12, n. 1, p. 54-61, jan./mar. 2009.

ODDY WH; KENDALL GE; LI J; JACOBY P; ROBINSON M; DE KLERK NH; SILBURN SR; ZUBRICK SR; LANDAU LI; STANLEY FJ. Os efeitos a longo prazo do aleitamento materno na saúde mental infantil e adolescente: um estudo de coorte gravidez seguido por 14 anos. **J Pediatr**, v.156, n.4, p. 568-74, 2010.

PERONI DG; PESCOLLDERUNG L; PIACENTINI GL; RIGOTTI E; MASELLI M; WATSCHINGER K; PIAZZA M; PIGOZZI R; BONER AL. Imunes citocinas reguladoras no leite de mulheres lactantes de ambientes agrícolas e urbanas. **Pediatr Allergy Immunol**, v.21, n.6, p. 977-82, 2010.

QUELUZ, Mariângela C.; PEREIRA, Maria J. B.; SANTOS, Claudia B.; LEITE, Adriana M.; RICCO, Rubens G. Prevalência e determinantes do aleitamento materno exclusivo no município de Serrana, São Paulo, Brasil. **Rev. esc. enferm. USP** vol.46 no.3 São Paulo June 2012.

RENFREW MJ; DYSON L; MCCORMICK F; MISSO K; STENHOUSE E; KING SE; WILLIAMS AF . Promoção do aleitamento materno para bebês em unidades neonatais: uma revisão sistemática. **Child Care Health Dev**, v.36, n.2, p. 165-78, 2010.

SALIBA NA, ZINA LG, MOIMAZ SAS, SALIBA O. Frequência e variáveis associadas ao aleitamento materno em crianças com até 12 meses de idade no município de Araçatuba, São Paulo, Brazil. **Rev Bras Saúde Matern Infant**, v. 8 p.481-90, 2008.

SILVA, Sara A.; MOURA, Eryl C. Determinantes do estado de saúde de crianças ribeirinhas menores de dois anos de idade do Estado do Pará, Brasil: um estudo transversal. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.26, n.2, p.273-285, fev, 2010.

SMITHERS L; MCINTYRE E . O impacto da amamentação - traduzindo recentes evidências para a prática. **Aust Fam Physician**, v.39, n.10, p. 757-60, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Alimentação infantil: bases fisiológicas**. Genebra: OMS 1989.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE/ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001**: Saúde mental: nova concepção, nova esperança. OMS/OPAS, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE/ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Evidências científicas dos dez passos para o sucesso no aleitamento materno**. Brasília. OMS/OPAS, 2001.

TERUYA K, Coutinho SB. **Sobrevivência infantil e aleitamento materno**. In: Rego JD. Aleitamento materno. São Paulo: Atheneu, 2001. p. 5-20.

TOMA, T. S.; REA, M. F. Benefícios da amamentação para a saúde da mulher e da criança: um ensaio sobre as evidências. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, p. s235-s246, 2008. suppl. 2.

VALA, J. A análise de conteúdo. In Augusto Silva & José Madureira Pinto (orgs.), **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Afrontamento. pp. 507-535, 1986.

VASCONCELOS, S. G.; GALVÃO, M. T. G. ; PAIVA, Simone de S. P.; ALMEIDA, P.C. e PAGLIUCA, Lorita M.F. Comunicação Mãe-Filho Durante Amamentação Natural E Artificial Na Era Aids. **Rev. Rene. Fortaleza**, v.11, n.4. p. 103-109, out-dez. 2010

VERD S; NADAL-AMAT J; GICH I; LESHEM M . Preferência sal de mães que amamentam é associado com o início interrupção do aleitamento materno exclusivo. **Appetite**, v.54, n.1, p. 233-6, 2010.

VICTORA CG, SMITH PG, VAUGHAN JP, NOBRE LC, TEIXEIRA AMB, FUCHS SMC, MOREIRA LB, GIGANTE LP, BARROS FC. Evidence for protection by breast-feeding against infant deaths from infection diseases in Brazil. **Lancet** , v.2, p.19-22, 1987.

VIANNA RPT, REA MF, VENANCIO SI, ESCUDER MM. A prática de amamentar entre mulheres que exercem trabalho remunerado na Paraíba, Brasil: um estudo transversal. **Cad Saúde Pública**. v.23, n.10, p.2403-9, 2007.

VIEIRA GO, SILVA LR, VIEIRA TO, ALMEIDA JAG,CABRAL VA. Hábitos alimentares de crianças menores de 1 ano amamentadas e não-amamentadas. **J Pediatr** (Rio J). v.80, p.411-6, 2004.

WALKER, A. Leite materno como o padrão ouro para nutrientes protetores. **J Pediatr**, v.156, n.2 Suppl, p.3-7, 2010 Feb.

VENÂNCIO, S.I. Dificuldades para o Estabelecimento da Amamentação: O Papel das Práticas Assistenciais das Maternidades. **Jornal Pediatria**, v.79, n.1, p.1-2, 2003.

VENÂNCIO SI, ESCUDER MML, KITIKO P, REA MF, MONTEIRO CA. Frequência e determinantes do aleitamento materno em municípios do Estado de São Paulo. **Rev Saúde Pública**, v.36, p. 313-8, 2002.

WHO - World Health Organization. **Global strategy for infant and young child feeding**. Geneva; 2003.

WHO - World Health Organization. **The optimal duration of exclusive breastfeeding: a systematic review**. Geneva; 2001.

